

**A ARQUITETURA DA CRENÇA NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE LITERÁRIA: OS
(DES)CAMINHOS DE JOÃO MOHANA E O CONTEXTO DO SÉCULO XX**

**THE ARCHITECTURE OF BELIEF FROM THE PERSPECTIVE OF LITERARY
ANALYSIS: THE (MIS)PATHS OF JOÃO MOHANA AND THE CONTEXT OF THE 20TH
CENTURY**

**LA ARQUITECTURA DE LA CREENCIA DESDE LA PERSPECTIVA DEL ANÁLISIS
LITERARIO: LOS (MAL)CAMINOS DE JOÃO MOHANA Y EL CONTEXTO DEL SIGLO
XX**

 10.56238/revgeov16n5-061

Hanna Gabrielle do Vale Almeida

Mestra em Letras

Instituição: Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

E-mail: hannagvalmeida@gmail.com

Andreza Luana da Silva Barros

Doutoranda em Letras

Instituição: Universidade Federal do Piauí (UFPI), Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

E-mail: andrezaluanasb@gmail.com

Carliane Miranda Carneiro Aguiar

Mestra em Letras

Instituição: Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Estadual do Maranhão
(UEMA)

E-mail: carliane.miranda@discente.ufma.br

Leidiane do Livramento Lima Sarges

Mestra em Letras

Instituição: Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Estadual do Maranhão
(UEMA)

E-mail: leidyuniversitaria@gmail.com

Fábio Araújo Pereira

Mestre em Letras

Instituição: Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade de Gurupi (UnirG)

E-mail: fapereira@unirg.edu.br

Láís de Paula Freitas Carvalho Nogueira

Mestra em Letras

Instituição: Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

E-mail: lais.carvalho@discente.ufma.br



Monica Fontenelle Carneiro

Doutora em Linguística

Instituição: Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

E-mail: mf.carneiro@ufma.br

RESUMO

O paradigma do século XX, após a Segunda Guerra Mundial, promove uma tendência contemporânea marcada pelo impacto da guerra em sua relação psicológica de causa e efeito, na qual o aparelho psíquico do ser humano precisa se reorganizar. A obra *O Outro Caminho*, de João Mohana (1952), traz uma importante reflexão sobre a tendência literária desse período, marcado por padrões díspares; revelando o amor como centro unificador que marca a passagem do caos inconsciente primitivo para o estado da ordem consciente. A obra possibilita questionamentos sobre o impacto da crença na criação literária e sobre os (des)caminhos que a literatura pode oferecer na tarefa de explorar um sujeito complexo. Partindo dos pressupostos teóricos de Frye (1951) e Peterson (1999), esta pesquisa intenta analisar a relação dialógica entre a arquitetura da crença e a produção literária de Mohana (1952 [1983]), levando em conta o contexto sociocultural e a proposta dos Arquétipos na Literatura, de Frye (1957 [1973]). A trilha para esta investigação entreabre-se pela metodologia de pesquisa qualitativa e exploratória, de abordagem ensaística. A pesquisa atravessa a relação de incompletude e de caos no aparato social e psicológico do ser humano. Após identificarmos o mito central da busca no romance, constatamos que o amor na obra representa o vazio, delineando a maneira como o inconsciente tenta explicar o vazio humano que insiste no apelo a um significante.

Palavras-chave: Arquitetura da Crença. *O Outro Caminho*. Análise Literária. Mito da Busca.**ABSTRACT**

The 20th-century paradigm, after World War II, fostered a contemporary trend marked by the impact of war on its psychological cause-and-effect relationship, in which the human psyche needed to reorganize itself. João Mohana's work **The Other Path** (1952) offers an important reflection on the literary trend of this period, marked by disparate patterns; revealing love as the unifying center that marks the transition from primitive unconscious chaos to a state of conscious order. The work raises questions about the impact of belief on literary creation and the (mis)paths that literature can offer in the task of exploring a complex subject. Based on the theoretical assumptions of Frye (1951) and Peterson (1999), this research aims to analyze the dialogical relationship between the architecture of belief and Mohana's literary production (1952 [1983]), taking into account the sociocultural context and the proposal of Frye's **Archetypes in Literature** (1957 [1973]). The path for this investigation is paved by a qualitative and exploratory research methodology, with an essayistic approach. The research explores the relationship between incompleteness and chaos in the social and psychological apparatus of human beings. After identifying the central myth of the search in the novel, we find that love in the work represents emptiness, outlining how the unconscious attempts to explain the human void that insists on appealing to a signifier.

Keywords: Architecture of Belief. *The Other Path*. Literary Analysis. Myth of the Search.**RESUMEN**

El paradigma del siglo XX, tras la Segunda Guerra Mundial, fomentó una tendencia contemporánea marcada por el impacto de la guerra en su relación psicológica de causa y efecto, en la que la psique



humana necesitaba reorganizarse. La obra de João Mohana **El Otro Camino** (1952) ofrece una importante reflexión sobre la tendencia literaria de este período, marcada por patrones dispares, revelando el amor como el centro unificador que marca la transición del caos inconsciente primitivo a un estado de orden consciente. La obra plantea preguntas sobre el impacto de la creencia en la creación literaria y los (des)encuentros que la literatura puede ofrecer en la tarea de explorar un tema complejo. Basándose en los supuestos teóricos de Frye (1951) y Peterson (1999), esta investigación busca analizar la relación dialógica entre la arquitectura de la creencia y la producción literaria de Mohana (1952 [1983]), considerando el contexto sociocultural y la propuesta de **Arquetipos en la Literatura** de Frye (1957 [1973]). El camino de esta investigación se basa en una metodología de investigación cualitativa y exploratoria, con un enfoque ensayístico. La investigación explora la relación entre la incompletitud y el caos en el aparato social y psicológico del ser humano. Tras identificar el mito central de la búsqueda en la novela, descubrimos que el amor en la obra representa el vacío, lo que describe cómo el inconsciente intenta explicar el vacío humano que insiste en apelar a un significante.

Palabras clave: Arquitectura de la Creencia. El Otro Camino. Análisis Literario. Mito de la Búsqueda.



1 INTRODUÇÃO

As concepções do amor e suas manifestações são temáticas que sempre inquietaram a sociedade. A forma como a cognoscibilidade de uma emoção complexa pode estar apresentada em obras literárias e ganhar um enorme espaço em diversos campos de estudos, como a psicologia, antropologia e a linguística, reflete em obras que exploram a natureza do amor, as consequências, transformações do personagem, contexto social, cultural e outras perspectivas; isso implica dizer que todos sempre temos algo a mais a dizer sobre o amor. Nesse sentido, o amor é uma temática multifacetada, com vasto campo de estudos interdisciplinares, que compõem a originalidade da obra através da subjetividade do autor, ao mesmo tempo que secciona a cultura através da representação de padrões comportamentais simbolicamente presentes na escrita.

A grande influência dos mitos gregos na cultura ocidental fornecendo uma narrativa sobre o mundo e a condição humana, revelam que, desde a Antiguidade, os arquétipos sociais, representados em mitos, simbolizavam atributos psicológicos comuns da humanidade, como fragmentos ou elementos constitutivos da consciência. Dentre esses atributos, o amor, por meio da dualidade como uma força criadora e destruidora ao longo da vida, se tornou um objeto de estudo literário delineado pela psicanálise e que, através da teoria literária crítica, pode reivindicar seu valor estético, desaguando naquilo que é a sua essência, na individualidade inquieta do autor, mas que está latente em suas obras.

Aqui começamos a nos perguntar se não podemos ver a literatura, não apenas como se complicando no tempo, mas como se espalhando no espaço conceitual a partir de algum centro invisível. Esse movimento indutivo em direção ao arquétipo é um processo de retrocesso, por assim dizer, da análise estrutural, como retrocedemos de uma pintura se quisermos ver composição em vez de pincelada (Frye, 1951, p. 507, tradução nossa)¹.

De acordo com Frye (1951), há duas reivindicações importantes para a literatura: seu lugar na humanidade em geral, visto que a obra literária é imaginativa e possui liberdade espiritual que transcende os fatos; e seu reconhecimento como necessidade civilizacional e meio de compreensão da realidade. Assim, ao pensarmos no leitor como um ouvinte ativo, designamos a ele o árduo trabalho de responder à questão central da obra, colocando-o em extensa fase de contestar e reorientar, teorizar e legislar sobre seus princípios mais internalizados. É pela conexão entre o simbólico e o real que unimos personagem e leitor e refletimos sobre a interseção entre o estudo das concepções de amor na obra, a forma como surgem as crenças e como essas integram as concepções arquetípicas do inconsciente coletivo, cujos detalhes aparecem na escrita do autor, considerando a importância dos mitos que influenciam na categorização cognitiva e na construção do modelo cultural.

¹Here we begin to wonder if ye cannot see literature, not only as complicating itself in time, but as spread out in conceptual space from some unseen center. This inductive movement towards the archetype is a process: of backing up, as it were, from structural analysis, as we back up from a painting if we want to see composition instead of brushwork (Frye, 1951, p. 507).



Para abordar a representação do amor na literatura, a obra *O Outro Caminho*, de João Mohana (1952 [1983]), foi escolhida por seu caráter psicológico e catártico, pela maneira que apresenta o amor em seu viés religioso e contextual, de tal forma que o personagem Eyder Carvalho está fadado a uma incompletude inquieta. Assim, através de uma abordagem ensaística, refletida em seu aspecto inusitado, que navega entre a Arquitetura da crença e a Literatura, seccionando de forma interdisciplinar suas áreas de conhecimento, abrindo espaço para novas perspectivas e interpretações sobre a escrita, o caráter autobiográfico e a psicologia em estudos literários; a pesquisa atravessa essa relação de incompletude e de caos no aparato social, pessoal e psicológico do ser humano. De acordo com Silva; Neto (2023):

A análise de um texto sob a ótica psicanalítica faz o pesquisador penetrar no universo da interdisciplinaridade, buscando as rupturas e ligações necessárias para deslindar as malhas literárias. Ao tentarmos delinear sinteticamente a linha tênue entre a literatura e a psicanálise, tomamos conhecimento de uma bibliografia farta, principalmente no que diz respeito à literatura, posto que tal palavra abarca séculos de produção escrita em contextos históricos radicalmente distintos, o que impossibilita uma definição concreta do termo (Silva; Neto, 2023, p. 2).

Ao analisarmos a natureza imaginativa da obra literária, percebemos o diálogo entre as palavras e os arquétipos, ambos como meio fundamental de comunicação. O arquétipo, de acordo com Frye (1957), é uma imagem recorrente em toda literatura, um bloco de construção adaptável que revela aspectos universais da vida humana. Ao relacionar literatura e arquétipos, o autor entra no campo da ação simbólica, onde os personagens e seres mitológicos são representações típicas. Nesse sentido, o autor elabora que essa percepção epistemológica do estudo literário capacita o leitor para enxergar valores sociais, contexto e cultura como um todo, percebendo a unidade da experiência humana.

Assumindo que os arquétipos em mitos e religiões, aparentemente, definem verdades sobre a condição humana desde o início dos tempos, propomos um estudos voltado para a estreita relação entre as concepções de amor, a arquitetura da crença e a teoria literária, já que esta possibilita a análise e interpretação das camadas visíveis e invisíveis do texto. A fim de que essa relação se torne explícita, tomaremos como ‘arquitetura da crença’ a dimensão *background* sobre a qual o inconsciente coletivo se estrutura, percorrendo culturas e criando mitos e crenças, através da relação entre os elementos do conhecido e do desconhecido no mundo, reverberando no contraponto entre o divino e o terreno (relação dos personagens) e na forma como as complexidades inerentes à busca humana pelo transcendental pode mostrar o amor arquetípico, mitológico, como centro unificador na passagem entre a busca do desconhecido e o lugar estável: “um amor que permite o vazio que ele próprio parece encobrir, sem a miragem de harmonia ou de completude” (Ravizzini, 2016, p. 11).

Derivando da abordagem de caráter autobiográfico da escrita de Mohana, assim como das implicações sociais e econômicas que envolvem o contexto de criação da obra, o objetivo geral desta



investigação é analisar a relação dialógica entre a arquitetura da crença e a produção literária de Mohana (1952 [1983]), levando em conta o contexto sociocultural e a proposta dos Arquétipos na Literatura, de Frye (1957 [1973]), além disso, buscaremos compreender qual a face do amor e suas nuances na obra, através da arquitetura da crença, delineando a maneira como o inconsciente tenta explicar o vazio humano que insiste no apelo a um significante.

2 AS CONCEPÇÕES DO AMOR E A LITERATURA DO SÉCULO XX

No viés do contexto literário brasileiro, nos anos de 1950, percebemos o surgimento de obras que possibilitaram a interseção de tradições díspares, assim, a literatura dos “anos dourados” traz o trágico, o cotidiano e a necessidade da noção do bem-estar social. O paradigma do século XX, após a Segunda Guerra Mundial, promove uma tendência contemporânea marcada pelo impacto da guerra em sua relação psicológica de causa e efeito, na qual o aparelho psíquico do ser humano precisa se reorganizar, “via nessa expectativa uma vaga promessa de felicidade. Até a coincidência de ter acabado nesse ano a guerra mundial, pensei que encerrasse um simbolismo. Mas não” (Mohana, 1983, p. 142). Nesse âmbito, a linguagem especializada da psicanálise e da terapia incentivaram e organizaram o prisma das emoções e uma nova cultura de emotividade foi estabelecida.

Diante do contexto social, a escrita do século XX, assim como a de Mohana, produz um efeito de exuberância da fala, a necessidade de organizar o mundo no caos após a Segunda Guerra Mundial, através do derramamento do verbo. É nessa dimensão que a obra também demonstra a complexidade de temas como a lei divina e a ideia que esta instância: a do dever moral, bem como das intenções visíveis e invisíveis (sob o olhar do julgamento de Deus):

Nas minhas lágrimas havia um misto de três sentimentos: arrependimento, conflito e queixa. Arrependimento, pelo pecado cometido. Conflito, devido à incerteza do futuro, à expectativa oscilante de minha vida. Queixa, de Deus, que vinha consentindo em tantas gafes, há anos. (Mohana, 1983. p. 111).

Ao compreendermos a importância do amor como fundamento da civilização (O Banquete, Platão (380 a.C.)); como centro unificador na passagem para o coerente, perfeito e contínuo (o amor seria capaz de levar o ser humano a essa nostalgia de uno e perfeito que somente a relação com o divino seria capaz de proporcionar); e, partindo da concepção junguiana de que o mito é uma imagem do inconsciente coletivo que provê o espaço psíquico para a expressão individual (Zimmermann, 2015); traçamos uma dimensão compreensível das marcas invisíveis da ‘arquitetura da crença’ que alicerçam a obra, através da imersão na escrita de Mohana (1952), assim como o entrelaçamento da concepção arquetípica presente no aparato psicológico humano existente na escrita do autor. Assim, propomos a seguinte reflexão: É possível que o vazio intransponível da existência humana forneça ao amor um



guia inicial para proporcionar a ordem, quando estamos imersos no caos e a razão se torna insuficiente sozinha? Como *O Outro Caminho* pode representar a busca irrepresentável desse vazio na obra?

O amor, manifesto por meio dos arquétipos na obra literária, elucida a estrutura da mitologia sem antes apegar-se à crença. Nesse aspecto, as transformações de ordem social (cultural e histórica), refletem a secularização na qual as narrativas mitológicas são desacreditadas, e até mesmo a crença cristã religiosa, presente na sociedade ocidental, se torna enfraquecida, entretanto, deuses, heróis e seus feitos ainda representam arquétipos amplamente difundidos nas obras literárias.

Para explorar o viés fundamental da religião sobre o conceito de amor Ágape cristão, aqui designado como altruísta e abnegado, constituímos uma analogia mitológica com o personagem grego *Aquiles*, em que refletiremos sobre qual o ponto de apoio, sem o qual o ser humano torna-se vulnerável e vencido pelo contexto e por seu próprio dualismo existencial e filosófico: a guerra interior entre o corpo e o espírito.

A obra também permite instituir considerações sobre o amor *Philia*, através da relação entre Eyder e Dom Francisco; do *Ágape*, através da relação entre Eyder, Deus e Dona Santinha; e do amor *Eros*, com a relação entre o personagem Eyder e a Viúva, sendo essa personagem sem nome uma metáfora para todas as mulheres e/ou provações que aparecem na analogia à jornada do herói. Essa problemática resgata o que disse Freud (1930), situando o amor como aquele que nos entorpece e que pode funcionar como um veículo intoxicante diante das nossas mazelas: “Daí por diante, senti, sensivelmente, que fraquejava. Previ que afundaria e resolvi lutar como um naufrago [...] O retrato era maravilhosamente diabólico” (Mohanna, 1983, p. 101). Além disso, em uma visão mais ampla, os domínios experienciais são baseados em uma constituição de “Ordem” e “Caos” que é necessária para o equilíbrio social humano. Nesse sentido, a perspectiva de análise proposta é influenciada pela construção catártica de ensinamento ético muito utilizada em dramas e tragédias gregas (a história do personagem Hércules) e que influencia valores da religião cristã (sofrer para pagar a penitência de seus pecados) e a literatura (romantismo e jornada do herói). Nesse aspecto, Peterson (1999, p. 65) ressalta:

Portanto, os domínios experimentais que habitamos – nossos “ambientes”, por assim dizer – são permanentemente caracterizados pelo previsível e controlável em justaposição ao imprevisível e incontrolável. O universo é composto de “ordem” e “caos” – pelo menos a partir da perspectiva metafórica. Contudo, é estranho que foi a esse universo “metafórico” que nosso sistema nervoso parece ter se adaptado.

A partir das considerações de Peterson (1999), percebemos a estreita relação entre padrões comportamentais, elementos psicológicos e a adaptação à própria realidade, com isso, ele também aborda a importância da metáfora em nosso sistema nervoso e a importância da cultura e de suas manifestações no aparato psicológico, emocional e ético, já que “os processos de adaptação revolucionária, encenados e representados, estão na base de diversos fenômenos culturais que vão dos



ritos de iniciação “primitiva” às concepções de sistemas religiosos sofisticados. De fato, nossas culturas são erguidas sobre o alicerce de uma única grande história: paraíso, encontro com o caos, queda e redenção” (Peterson, 1999, p. 78).

Todos temos nossa cruz quando agimos voluntariamente. E quando não agimos voluntariamente, quando, em vez de seguirmos o caminho que Deus abriu diante de nós, tomamos um outro caminho que alguém nos sugere, nos convida ou nos obriga a seguir, então, além da cruz, que é sempre nossa, temos a coroa de espinhos que passa a ser nossa também (Mohana, 1983, p. 20).

Freud (1930) coloca em pauta a relação entre a obra literária e a psicanálise ao considerar a literatura como uma demonstração da ordem do desejo, que se apresenta como uma ficção, ressaltando que os artistas e poetas já trabalhavam com elementos de ordem do inconsciente, através de suas manifestações dispostas em obras e enfatizando que a psicanálise apenas conseguiu uma forma de acesso a esse lado mais escasso. É nesse espaço, ainda pouco explorado, que a análise literária crítica de Frye se aprofunda, buscando o modo como o amor revela a carência insaciável marcada por uma angústia característica (o mito da busca); para isso, verificamos as relações entre o amor e a religião, sob a ótica da arquitetura da crença, nos estudos elaborados por Peterson (1999), dispostas na obra de João Mohana.

Para Peterson (1999, p. 50):

Uma análise apropriada da mitologia, do tipo proposto aqui, não é mera discussão de eventos “históricos” encenados no palco do mundo (conforme o religioso tradicional poderia supor) e não é mera investigação da crença primitiva (conforme o cientista tradicional poderia presumir). Na verdade, ela é o exame, a análise e a subsequente incorporação de uma estrutura de significado, que contém dentro de si uma organização hierárquica da valência da experiência. A imaginação mítica está preocupada com o mundo ao modo do fenomenólogo, que procura descobrir a natureza da realidade subjetiva em vez de se preocupar com a descrição do mundo objetivo.

Levando em consideração a amplitude da proposta elaborada por Frye de seus quatro ensaios inter-relacionados, vamos nos restringir a expor de forma breve e clara a arquitetura da crença na perspectiva da obra de João Mohana, apresentando como são estruturados os conceitos de amor na obra e como essas estruturas podem contribuir para a compreensão psicológica do ser humano, através da análise crítica literária elaborada por Frye (1957), podendo revelar particularidades culturais, ou antes, seccionando os estudos do pensamento, da língua e da cultura, promovendo uma importante reflexão sobre o amor, especificamente, o amor em seu viés *Ágape*, como centro unificador que marca a passagem do caos inconsciente primitivo para o estado da ordem consciente.

Apesar de não ser o padre que deveria ser e que gostava de ser, amava, sinceramente, como ainda amo, esse Pai, que, se se mantinha escondido, era por motivos que a minha limitação não é capaz de saber (Mohana, 1983, p. 100).



Convém ainda esclarecer que a forma livre como Mohana (1952[1983]) utiliza as metáforas para trazer à obra tal profundidade simbólica e significativa, reflete em uma escrita fluida e de estrutura existencial em relação ao amor e à construção dos processos de identificação por trás delas.

No âmbito dos estudos de arquétipos na literatura, Frye (1951, p. 501, tradução nossa)² ressalta: “uma crítica frequentemente expressa à abordagem arquetípica é que ela, em última análise, tende a apagar as especificidades de obras individuais em favor dos universais mapeados nos padrões mais amplos”. Entretanto, o caminho que esta investigação percorre mostrará que determinadas influências, como a experiência do autor (escrita potencialmente autobiográfica) e o contexto histórico e cultural, podem mostrar como esses arquétipos são filtrados pela individualidade do autor e como estão dispostos na obra de maneira adaptada, sendo reinterpretados de forma única, elevando a autenticidade do estilo de Mohana.

3 OS (DES)CAMINHOS DE MOHANA: UM OLHAR PARA O AMOR NA OBRA

Ocupante da cadeira 03 da Academia Maranhense de Letras (1970), o padre Mohana leva em consideração uma parte importante em sua escrita: a presença da religião e do amor. Nesse aspecto, a eleição de tal obra para esta pesquisa é justificada pelo modo como o amor emerge em seu texto através de personagens chave como Dona Santinha; Deus; a Viúva e Dom Francisco, possibilitando uma investigação das 3 concepções de amor presentes no imaginário da cultura ocidental: Eros; Ágape e Philia.

Em obras com personagens próprios, como dramas e romances, a mesma análise psicológica pode ser estendida à interação de personagens, embora, é claro, a psicologia literária analise o comportamento de tais personagens apenas em relação à convenção literária (Frye, 1951, p.505, tradução nossa)³.

A origem do deus Eros, na mitologia grega, é ainda bastante complexa, pois, no diálogo proposto pela obra *O Banquete*, Platão (380 a.C.), não existe um consenso sobre a origem do eros, pois, se há duas Afrodites, existem, portanto, dois Eros, pensamento que levaria a uma subdivisão do amor Eros, com características distintas entre os dois pólos, o celeste e o pandêmico, vulgar. Há, portanto, uma cosmovisão que é sustentada pelo mito como uma imagem arquetípica do Amor Complemento que permeia o ideal de perfeição, além das características lascivas do eros pandêmico e vulgar.

²A frequently voiced criticism of the archetypal approach is that it ultimately tends to wash out the specifics of individual works in favor of the universals charted in the larger patterns (Frye, 1951, p. 501).

³ In works with characters of their own, such as dramas and novels, the same psychological analysis may be extended to the interplay of characters, though of course literary psychology would analyse the behavior of such characters only in relation to literary convention. (Frye, 1951, p. 505).



O Amor Philia, cuja natureza foi primeiramente abordada segundo os pressupostos de Aristóteles na obra *Ética a Nicômaco*, escrita por volta de 340 a.C, compartilha características próximas ao amor(eros), como a busca por completude, mas diferente da concepção de amor pautada na diferença para a completude, o amor Philia baseia-se na afinidade, similaridade, sendo o amor(eros) um sentimento de seres imperfeitos (cuja perfeição dependia da totalidade proposta pelo 'outro'), enquanto o amor philia elabora um ponto de vista sobre a dimensão ética da natureza humana, propondo um conjunto de reflexões sobre a sociabilidade, considerando por base a amizade por meio desse amor de convivência social, como exemplo dessa representação, temos o impacto da obra *Os Três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas (1844).

O amor Philia representa uma lenta emancipação do paradigma religioso, pois o eixo paradigmático entre Criador e Criatura é substituído por elos mais fraternais (amizade) sendo uma representação do equilíbrio que se distancia do impulso cego, irresistível e vulgar do Eros, enquanto foge da abnegação (selfless) do amor Ágape.

O Amor Ágape, de acordo com o contexto cristão, é o amor abnegado, condensado na figura do Deus pai, cuja comunhão revela a organização social em que os amantes veem uns aos outros, assim como Deus os vê, trata-se do amor mártir. É importante ressaltar que há um entrelaçamento das concepções de amor ao longo dos tempos, pois a concepção de amor romântico que emergiu no século XVIII permanece ligada ao modelo religioso, já que a perfeição almejada no romantismo só pode ser alcançada no Deus, nesse aspecto, o outro é um ser tão carente e contraditório quanto nós, sendo o amor romântico uma secularização do amor ágape, dentro do contexto do cristianismo.

É nesse cenário que a catarse também se faz presente na obra, tanto do ponto de vista do personagem Eyder Carvalho, com a redenção por meio da morte, representante da designação Ágape e da jornada do mártir herói; quanto do ponto de vista do público que, por meio do ensinamento catártico, pode identificar-se com as mazelas do personagem e fazer sua escolha pessoal de vida, evitando 'o outro caminho' que não é o seu por escolha própria "Foi o que aconteceu comigo. Tomei um caminho que não era o meu. Entrei na sala sem a veste nupcial. Mas Deus fez olhos tão pequenos que não enxergou o intruso" (Mohana, 1983, p. 51).

Assim, o personagem leva o leitor a ansiar pela dimensão da Ordem, invés do Caos e do desconhecido que, comumente na literatura, é personificado pela figura feminina (Peterson, 1999), nessa obra, representado pela personagem da Viúva.

João Mohana escreveu sobre diversos temas, como Espiritualidade; Psicologia; Sexualidade; Teatro etc., dentre as quais, cito: *O Outro Caminho* (1952); *Sofrer e Amar: Psicologia e Teologia do Sofrimento* (1975); *Auto-Análise para o Êxito Profissional* (1980); *Não Basta Amar para Ser Feliz no Casamento* (1994); *Vida Afetiva dos que não Se Casam* (1998). Suas obras demonstram certo caráter autobiográfico em relação ao autor, que era médico, psicólogo e enveredou-se para se ordenar padre.



O caráter autobiográfico da escrita de Moahana na obra, traz uma importante reflexão sobre pesquisas no campo da literatura, refletindo sobre os (des)caminhos que a pesquisa literária pode oferecer na tarefa de explorar um sujeito múltiplo e complexo: “Mais do que ninguém, eu era dois. Sempre fui dois. Até hoje sou dois. Sou um eu opaco e um eu iluminado. E não sei, no final das contas, qual dos dois eus vai ser o premiado. (Ou se os dois vão ser ambos castigados)” (Mohanna, 1983, p.44). Portanto, privilegiando a complexidade da escrita de Mohana, a investigação ensaística nos possibilita relacionar as nuances do amor, do desespero, da angústia e do conflito na obra, como constituintes do paradoxo da existência do personagem, assim como da existência humana, inquieta e inexata. Nessa concepção, ao tratar dos (des)caminhos de Mohana, referimos aos modos inusuais de pensar e articular além dos caminhos já trilhados do estudo literário, mas na busca por novos e interdisciplinares caminhos que não limitam a busca do saber, mas que conseguem formular aspectos novos da natureza da obra, para além da convenção literária ou da Literatura pela Literatura, mas privilegiando a Literatura pelo olhar da Psicologia, Antropologia, dentre outros.

4 CONCLUSÃO

A partir do século XX, mais que em qualquer outro momento literário, as obras dos *anos dourados*, com temáticas tão díspares, fornecem uma ampla possibilidade de estudos de análise crítica de viés psicológico e inter-multi-transdisciplinar. Nesse ambiente tão vasto, explorar a literatura como possibilidade de compreensão psicológica do ser humano, com um olhar fenomenológico para a arquitetura da crença, ressaltando a forma como determinadas influências, a experiência do autor e o contexto histórico e cultural podem mostrar detalhes da estrutura *background* da psique humana, nos faz refletir como os arquétipos são filtrados pela individualidade do autor e como estão dispostos na obra de maneira adaptada, sendo reinterpretados de forma única, elevando a autenticidade do estilo de autores como Mohana.

Esse duplo viés, análise da literatura por meio dos arquétipos para entender a psique humana e a análise da literatura pelos arquétipos ressaltando a capacidade criativa e interpretativa do autor em sua originalidade, nos permite problematizar sobre como os (des)caminhos de determinadas obras, produzidas em um contexto tão emocionalmente imerso no caos, podem mostrar elementos como o amor, na obra de Mohana o amor ágape mais que os outros, que nos fornece o questionamento da existência humana e, ao mesmo tempo, um vazio que o próprio amor encobre, na temática do mito da busca, presente em narrativas e tragédias; revelando a peculiaridade existencial e filosófica, sobre o vazio intransponível, ou antes, infundável, que faz o personagem, assim como o ser humano, ansiar pela dimensão da Ordem, para afastar-se de tudo aquilo que o desconhecido e o Caos trazem: uma incompletude inquieta que nunca pode ser sanada, mas que, potencialmente, reverbera em amor, sendo



ele a ação e o fim em si mesmo, um potencial elemento de estabilização do personagem e do ser humano.

Nesse aspecto, a arquitetura da crença nos permite sair das amarras de análise baseada nas convenções literárias e nos permite entender o mundo em seu modo fenomenológico, na busca pela natureza da realidade subjetiva muito mais que um olhar para apenas para a descrição objetiva.

Sem a pretensão de findar as discussões promovidas nessa investigação, potencialmente ensaística, os (des) caminhos propostos na obra *O Outro Caminho*, nos permitem inferir inúmeros outros sentimentos que participam dessa busca pela ordem, como a angústia e o desespero que permeiam o personagem Eyder Carvalho em toda a obra. Esses atributos também fazem parte de nosso dualismo existencial entre as questões do corpo e do espírito, assim como a busca pelo outro caminho, um caminho inteiramente nosso por opção, que designa a completude e satisfação plena que, na realidade, seria apenas mais um caminho incompleto, pois a ânsia da busca é, inevitavelmente, inacabada.



REFERÊNCIAS

- ALVEME, Larissa Arruda Aguiar. Uma leitura psicanalítica sobre o amor na literatura de Virginia Woolf. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. 2022.
- ARISTÓTELES. Poética. Tradução: Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo, 1996.
- FREUD, S. O mal-estar na cultura. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1930 [1974].
- FRYE, Northrop. Anatomia da crítica. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1973.
- Frye, Northrop. The archetypes of literature. *The Kenyon Review*, Winter 1951, Vol. XIII, No. 11951.
- ILLOUZ, Eva. *Cold Intimacies: the making of emotional capitalism*. London, Polity Press, 2007.
- MOHANA, João Miguel. *O outro caminho*. Editora Agir. 9ª ed. rev. Rio de Janeiro. ISBN: 85-220-0078-6. 1983.
- OLIVEIRA, Rômulo Gomes de. *O Ponto de Apoio Kierkegaardiano: o amor como especificamente religioso*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2016.
- PETERSON, Jordan B. *Mapas do Significado: a arquitetura da crença*. Editora: É Realizações. 1ª ed. 2018.
- PLATÃO. *O Banquete*. In: Platão, diálogos, I. São Paulo: Abril Cultural. Coleção Os Pensadores. 1983.
- RAVIZZINI, Simone. *A concha vazia do amor: amor, contingência e semblante*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica. 2016.
- SILVA, J. N. da, & Melo NETO, M. M. de. LITERATURA E PSICANÁLISE: a pulsão de morte em “Verão no Lago” de Tennessee Williams. *Revista Literatura Em Debate*, 18(32), 2–19. <https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.02-19>. 2023.
- ZIMMERMANN, Elisabeth Bauch. *O ritual como continente psíquico da transformação*. Instituto de Psicologia Analítica de Campinas. 2017. Disponível em: <https://ipacamp.org.br/o-ritual-como-continente-psiquico-da-transformacao/#:~:text=Essa%20concep%C3%A7%C3%A3o%20junguiana%20de%20mitologia%20leva%20em,o%20espa%C3%A7o%20ps%C3%ADquico%20para%20a%20express%C3%A3o%20individual>. Acesso em: 10 de jan de 2025.

